

Periódico: Cambridge Journal of Economics

Link de Instrução para autores: [https://academic.oup.com/cje/pages/General\\_Instructions](https://academic.oup.com/cje/pages/General_Instructions)

---

## Análise da Construção Conceitual de “Superpopulação Relativa” na Obra “O Capital” de Karl Marx

Lucas Saragoussi Cecin, Fabrício Henricco Chagas-Basto e Amaury Patrick Gremaud

A análise conceitual do termo "superpopulação relativa" em "O Capital" (Karl Marx) objetiva maior determinação do uso da categoria para análises empíricas e teóricas. Para isso é observada em seu desenvolvimento ao longo da obra, posta ao lado de "superpopulação", "exército industrial de reserva" e "superpopulação artificial" - que também constam no livro. Por meio da diferenciação conceitual de "superpopulação relativa" em relação aos demais termos, nuances aparecem e o ordenamento pelo qual são introduzidos corroboram com as teorias de que haja um modo de apresentação - ou exposição - dialético na obra "O Capital". A aparente "superpopulação" (malthusiana) é, na verdade, "relativa" às mediações do modo de produção que reproduzem a vida humana. A "superpopulação relativa" (totalidade populacional) não é equivalente à parcela populacional que representa o "exército industrial de reserva". A crise, lógica e tendencial, de reprodução em escala ampliada do capital total real cria "superpopulação artificial, relativa".

*Palavras-Chaves:* Crise; Desemprego, Exército Industrial de Reserva, Superpopulação Artificial; Taxa de Lucro.

*Jell Classifications:* B240 History of Economic Thought since 1925: Socialist; Marxist; Sraffian, B310 History of Economic Thought: Individuals, B510 Current Heterodox Approaches: Socialist; Marxian; Sraffian

### 1. Introdução: a indeterminação conceitual da “superpopulação relativa” na literatura

A categoria de “superpopulação relativa” é comumente igualada conceitualmente à de “exército industrial de reserva”. Evita-se, aqui, apresentar teóricos que correspondam a essa crítica porque incorrer-se-ia na personificação e redução de um fenômeno que é generalizado dentro da teoria marxista. A análise na obra “O Capital” (apoiada na “Grundrisse”) evidencia

o oposto: não são categorias equivalentes. Enquanto o uso do termo malthusiano “superpopulação” ofusca a relevância do debate sobre a concepção marxista de “superpopulação relativa”, a categoria marxista “superpopulação artificial” sequer aparece na literatura científica. Teóricos latino-americanos que discutem a “marginalidade” criaram conceitos que buscam complementar essa teoria, que avaliam como inacabada. É o caso de Aníbal Quijano, que cria o conceito de “polo marginal” (1970) e José Nun, o de “massa marginal” (1971). Ambos, assim como na análise proposta aqui, reconhecem que as categorias são conceitualmente distintas, sendo que apenas Nun propõe um aprofundamento para esta diferenciação.

A leitura de passagens isoladas pode tornar adequado considerar que Marx não tenha finalizado a definição conceitual de “superpopulação relativa”, como teria feito em outras categorias. Já a verificação da construção do conceito no desenvolvimento da obra - conforme a apresentação da contradição de aumento da composição orgânica do capital é complexificada - favorece a compreensão conceitual mais aprofundada da categoria. É evidente que, tanto quanto qualquer teoria, merece ser lapidada. Contudo, a desconsideração do “modo de apresentação do capital” (Grespan, 2019) para análise conceitual da categoria “superpopulação relativa” em “O Capital” conduz à interpretação de que Marx não tenha finalizado sua teoria a respeito da “superpopulação relativa”. A obra “O Capital” tem um “modo de exposição” (Benoit, 1996) dialético, no qual o “modo de apresentação” (Grespan, 2019) - do simples ao complexo - deve estar umbilicado à análise conceitual. Os autores da marginalidade latino-americana parecem buscar um trecho no qual se defina o conceito e, por isso, passam a ter a compreensão relativamente simplificada dele, desconsiderando que o desenvolvimento capitalista é o desenvolvimento da crise capitalista.

Como decorrência desse fator, os autores da marginalidade latino-americana não centralizam a “superpopulação relativa” como constituinte do que, aqui, define-se como

“crise da reprodução em escala ampliada do capital real global”. No intuito de favorecer a leitura do texto, essa ideia será referida por “Crise”. Esse movimento lógico do capital, contido no desenvolvimento da obra “O Capital” mobiliza debates polêmicos, centrados especialmente na discussão sobre a “lei da queda tendencial da taxa de lucro” (Marx, 2017, p.249-306). É o caso da discussão entre David Harvey (2019) e Michael Roberts (2019), na qual o segundo vê na queda da taxa de lucro uma monocausalidade das crises, que apenas aparecem como conjunturais. Já o primeiro, considera que essa queda é superada pela massa de mais-valia decorrente dos setores de transporte e construção civil - a miséria das massas é a contradição mais relevante na produção das crises. Também pode-se destacar Robert Kurz (2019) que compreende que aquela contradição (Crise) está desenvolvida a tal ponto que a reprodução capitalista é meramente fictícia (sem valor), tanto quanto a queda da taxa de lucro se tornou, conseqüentemente, “formal”. O aumento da composição orgânica do capital conduz à tendência de queda da taxa de lucro tanto quanto tende ao aumento da “superpopulação relativa”. São dois processos lógicos e tendenciais do mesmo processo de “Crise”.

Os teóricos da marginalidade latino-americana deveriam considerar o desenvolvimento crítico do capital (em forma da “Crise”) para discutirem a “superpopulação relativa”. Paralelamente, os teóricos de “crises capitalistas” deveriam considerar a criação de uma “superpopulação artificial, relativa” como fator importante para as análises. Nick Bernards e Susanne Soederberg (2021) contribuem para a articulação entre “crise” e “superpopulação relativa”. Contudo, consideram (de maneira distinta do que será visto) essa última como uma parcela excedente da população - sentido comum na literatura da área. Uma das dificuldades na articulação entre “queda tendencial da taxa de lucro” e “superpopulação relativa”, ambos postos da contradição de aumento da composição orgânica do capital, está a insuficiência de estudos conceituais sobre a segunda. O relativo abandono do estudo dela

pode ser um fator que favorece seu uso conceitual simplificado e sobreposto pelo sentido de “exército industrial de reserva”.

Alex Palludeto e Pedro Rossi (2022), ao discutirem o conceito de “capital fictício” em “O Capital”, demonstram a importância da análise de conceitos para a lapidação do conhecimento que constitui a economia heterodoxa. O aprofundamento do estudo de conceitos permite avanços nas análises empíricas. Como dito, o estudo da obra “O Capital” carrega a especificidade da exposição pela qual as categorias se constroem: estão postas em um movimento de exposição dialética, um modo de apresentação do capital em “O Capital”. É pertinente o estudo de obras complementares, a exemplo do “Grundrisse”, visto que a teoria posta em “O Capital” está condicionada ao fato do Marx ter falecido antes de poder editá-las integralmente para publicação. De forma correlata a Grespan (2019) - apesar dos resultados distintos - Richard Marsden (1998), evidencia os saltos que a análise do “Grundrisse” representa para o entendimento aprimorado do que chama de “*Marx model of capital*”.

Dessa forma, a análise de “superpopulação relativa” em “O Capital” pretende contribuir para discussões acerca 1) do método de exposição dialética pela qual Marx apresenta o capital na obra (Benoit, 1996; Grespan, 2019) e 2) do movimento de reprodução capitalista como desenvolvimento da “Crise” (Kurz, 2019; Roberts, 2019).

## **2. Procedimentos de análise do conceito na obra**

A pesquisa que resultou na construção deste artigo tem como objeto de estudo o conceito “superpopulação relativa” na obra “O Capital: crítica da economia política”, de Karl Marx (2013; 2014; 2017). Para isso, foram utilizados como materiais as versões eletrônicas e físicas dos três livros dessa obra, em edição brasileira (procedimento que pode ser replicado

para estudo em outras edições ou outros conceitos). Também foi utilizado como material complementar a obra “Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857- crítica da economia política”, escritos do mesmo autor (Marx, 2011), que antecederam a construção da obra “O Capital”, um manuscrito prévio.<sup>1</sup>

O uso das versões eletrônicas se fez necessário para que todas as aparições da expressão “superpopulação relativa” fossem identificadas na obra. Para isso, por meio da ferramenta de busca textual do computador, foi pesquisado o termo “superpopulação” para que pudessem ser criados, inicialmente, dois grupos. Tratam-se dos momentos em que aparece “superpopulação relativa” e os em que “superpopulação” consta sem o termo “relativa” (podendo estar acompanhado de outros adjetivos ou apenas “superpopulação”). Expressões como “superpopulação latente”, “superpopulação estagnada” e “superpopulação flutuante” foram contabilizadas como “superpopulação relativa”, visto que “a superpopulação relativa possui continuamente três formas: flutuante, latente e estagnada”. (MARX, 2013, p. 716). Tendo em vista que a literatura marxista comumente iguala “superpopulação relativa” a “exército industrial de reserva” - e a hipótese do estudo de que não sejam -, o mesmo procedimento de busca foi feito para esse segundo termo. As expressões “exército de reserva” e “exército operário de reserva” foram agrupados como equivalentes a “exército

---

<sup>1</sup> MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital; tradução de Rubens Enderle; - 1a. ed. - São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política: livro II: o processo global da produção capitalista; tradução Rubens Enderle; edição Frederick Engels - 1a. ed - São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista; tradução Rubens Enderle; edição Frederick Engels - 1a. ed - São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857- crítica da economia política; tradução Mario Duayer, Nélcio Scheider (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). São Paulo, Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

industrial de reserva”. O sentido malthusiano de “superpopulação” não foi aprofundado, visto que o estudo se direciona à obra “O Capital” - estando a análise, portanto, restrita à compreensão do termo por Marx.

Foi elaborada uma tabela que permitisse a observação do desenvolvimento das categorias ao longo da obra, a quantificação delas e os capítulos nos quais estão mais presentes. Foi observado o ordenamento de aparecimento de cada termo ao longo da obra, que foi transformado em um gráfico (Figura 1). Sempre tendo em vista o movimento dialético da exposição do capital em “O Capital”, todos os capítulos nos quais os termos aparecem foram analisados para verificação da evolução de depuração conceitual das categorias no desenvolvimento da obra. Esse processo conduziu à identificação da expressão “superpopulação artificial”, que foi apartada do grupo em que estava (“superpopulação”, sem o termo relativa). Foi considerada uma categoria particular a partir da análise comparada de todas as passagens nas quais a expressão apareceu, processo que demonstrou que ela se constitui como uma dimensão conceitual singular dentro da ideia de “superpopulação relativa”. O mesmo procedimento descrito até aqui foi feito no “Grundrisse”, apesar de apenas duas das quatro categorias analisadas constarem nesta obra.

Após o processo descrito, foi identificada qual ideia nova é introduzida conforme uma categoria nova - dentre “superpopulação”, “exército industrial de reserva”, “superpopulação relativa” e “superpopulação artificial” - é posta na obra “O Capital”. Respeitando-se o ordenamento de introdução dos conceitos, o processo oferece um olhar do movimento geral de construção e articulação conceitual das categorias frente ao desenvolvimento dialético da exposição nesta obra. Observou-se como os conceitos se complexificam de acordo com o estágio da apresentação (da Crise) do capital em “O Capital”. Foi a partir dessa visão geral que avançou-se para o procedimento de verificação se há dissociação conceitual entre “exército industrial de reserva” e “superpopulação relativa”. O critério de seleção de

passagens a serem analisadas e comparadas foi utilizar aquelas nas quais as duas categorias estão intercaladas pela palavra “ou”, pois percebeu-se que tendem a contribuir para a interpretação hegemônica de que sejam conceitualmente equivalentes. Para além da análise de cada um desses trechos, foi verificada se é percebida evolução de dissociação conceitual conforme cada uma das passagens selecionadas foi introduzida.

Apenas depois dos procedimentos descritos, iniciou-se o estudo particular da "superpopulação relativa". Para isso, a evolução do conceito foi analisada a cada momento em que a expressão é posta no desenvolvimento da obra. As ideias introduzidas a partir da primeira aparição do termo nas obras “Grundrisse” e “O Capital” foram especialmente analisadas para diferenciar essa categoria das outras três. As passagens que introduzem novas ideias à lapidação conceitual de “superpopulação relativa” em “O Capital” foram selecionadas como especialmente relevantes à análise. As três formas de representação da “superpopulação relativa” (latente, estagnada e flutuante) foram debatidas no intuito de caracterizá-las de forma desvinculada dos exemplos contemporâneos à escrita de Marx. A dimensão “artificial” da “superpopulação relativa” foi discutida ao final desse procedimento.

### **3. Superpopulação, exército industrial de reserva, superpopulação relativa e superpopulação artificial em “O Capital” de Karl Marx**

A construção conceitual da categoria “superpopulação relativa” obedece uma lógica expositiva dialética na obra “O Capital”. Desta forma, a compreensão dela, tanto quanto de “superpopulação”, “exército industrial de reserva” e “superpopulação artificial” deve ser vista no movimento do modo de apresentação do capital na obra “O Capital”. Para garantir maior rigor dos resultados deste estudo, destaca-se que estão restritos às edições utilizadas.

A busca por passagens que contivessem maior depuração conceitual (como síntese) se demonstrou débil quando comparada à visualização das categorias postas na evolução lógica de desenvolvimento contraditório do capital. No mesmo movimento em que o capital se complexifica ao longo da obra, as categorias se reconstituem conceitualmente - da forma simples à complexa (Grespan, 2019).

### **3.1 Ordenamento, quantificação e evolução das categorias na obra**

O ordenamento de introdução de cada uma das expressões, conforme a obra avança, representa saltos conceituais. Ao longo dos três livros da obra, seguem a seguinte ordem e quantidade de aparições: “superpopulação” (15 vezes); “exército industrial de reserva” (22 vezes); “superpopulação relativa” (36 vezes); “superpopulação artificial” (quatro vezes). Do total de 75 vezes em que aparecem essas quatro expressões, 54 estão no capítulo 23 (“Lei geral da acumulação capitalista”), itens III e IV, do livro 1 (Marx, 2013, p. 705-722). Verifica-se 13 vezes ao longo dos três capítulos da seção 3 (“Lei da queda tendencial da taxa de lucro”), no livro 3 (Marx, 2017, p. 249-306). Pode-se dizer, portanto, que os termos mapeados contribuem especialmente para a discussão sobre a dimensão contraditória da acumulação capitalista que conduz à contradição expressa na tendência de queda da taxa de lucro - a “Crise”.

O gráfico abaixo demonstra a evolução do uso das categorias ao longo da obra. A



elaboração dele desconsiderou as aparições dos termos nas notas de rodapé<sup>2</sup> ou em títulos<sup>3</sup> porque elas distorceram o ordenamento expositivo dos conceitos. Destaca-se que, conforme novas categorias são introduzidas, as anteriores perdem protagonismo. Isso apenas não ocorre no caso de “superpopulação artificial”, que deve ser destacada pelo fato de ser introduzida ao final da obra, quando já está evidenciada a contradição capitalista que produz artificialmente a “superpopulação relativa” como forma da “Crise”.

**Figura 1: Evolução do uso das expressões "superpopulação", "exército industrial de reserva", "superpopulação relativa" e "superpopulação artificial" ao longo da obra "O Capital" (Marx)**

**[ANEXO 1 - AO FINAL DO MANUSCRITO]**

A noção malthusiana de “superpopulação”, criticada por Marx, é posta como dimensão do que é mostrado pela experiência ao capitalista - há certo encobrimento da essência do real fenômeno. Marx (2013, p. 341), ao introduzir “superpopulação” na obra,

---

<sup>2</sup> As expressões em notas de rodapé aparecem apenas no primeiro livro (Marx, 2013): “superpopulação”, nota de rodapé 15 (P.595); “superprodução-superpopulação-sobreconsumo”, nota de rodapé 81 (P.710); “superpopulação relativa”, nota de rodapé 83 (P.712); “superpopulação relativa”, nota de rodapé 179 (P.769); e “superpopulação”, nota de rodapé 220 (P.803). Em todos os casos Marx estabelece críticas a outros autores e, em alguns, trata-se de citação.

<sup>3</sup> No primeiro livro (MARX, 2013), o título do item 3 (“*Produção progressiva de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva*”) - do capítulo 23 - conduziria à inclusão de "superpopulação relativa" na terceira aparição do gráfico, ao invés da décima primeira. Para além desse caso, as expressões aparecem no título do item 4, do mesmo capítulo “*Diferentes formas de existência da superpopulação relativa. A lei geral da acumulação capitalista*”. No terceiro livro (MARX, 2017, p. 249-306), também consta no título, item 4 - do capítulo 14 - “*A superpopulação relativa*”.

afirma que “O que a experiência mostra aos capitalistas é, em geral, uma constante superpopulação, isto é, um excesso de população em relação às necessidades momentâneas de valorização do capital [...]”. Pode-se sugerir que a simples “superpopulação” é mera representação de um movimento que se esconde por detrás dessa forma percebida empiricamente. Conforme a obra avança, há complexificação e desenvolvimento da análise conceitual, de forma que a simples e aparente “superpopulação” é relativamente abandonada na obra.

De forma mais complexa, o segundo termo analisado (“exército industrial de reserva”) apresenta uma camada da população que depende de relações capitalistas para se reproduzir socialmente e que é absorvida e dispensada conforme variações na produção manufatureira/industrial. A categoria é *criada sistematicamente* pelo próprio movimento do capital e depende dele para existir conceitualmente. Simultaneamente, é condição para a reprodução ampliada do valor. Assim, diferentemente de uma simples e aparente “superpopulação”, de existência conceitual em modos de produção diversos, há certa indissociabilidade conceitual do “exército industrial de reserva” do modo de produção capitalista. Isso ocorre porque a categoria pressupõe a existência de uma classe que dependa da troca de sua força de trabalho por salário para que possa se reproduzir socialmente - só há “exército industrial de reserva” se há classe de assalariados, expropriados. Ao introduzir a categoria na obra, Marx (2013, 549) escreve:

Nas fábricas e manufaturas ainda não sujeitas à lei fabril, reina periodicamente, durante a assim chamada temporada, o mais terrível sobretrabalho, realizado num fluxo intermitente, em decorrência de encomendas súbitas. No departamento exterior da fábrica, da manufatura ou do grande estabelecimento comercial, na esfera do trabalho domiciliar, por sua própria natureza totalmente irregular e, para a obtenção de matéria-prima e de encomendas, completamente dependente do humor do capitalista – o qual se encontra, aqui, livre de qualquer preocupação com a valorização de prédios, máquinas etc., e não arrisca senão a pele do próprio trabalhador –, cria-se sistematicamente um exército industrial de reserva

sempre disponível, dizimado durante parte do ano pelo mais desumano trabalho forçado e, durante a outra parte, degradado pela falta de trabalho.

É apenas no capítulo 23 “Lei geral da acumulação capitalista”, item 3 “Produção progressiva de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva” (livro 1) que é apresentada, pela primeira vez, a “superpopulação relativa” seguida por “de trabalhadores”. Marx critica a “economia política”, representada por uma citação<sup>4</sup> de Malthus, na qual ele (Malthus) reconhece que a ausência de um excedente populacional seria prejudicial ao país dependente da manufatura e do comércio. Por meio de seu habitual tom irônico, Marx (2013, p. 710) comenta o pensamento de Malthus e apresenta a “superpopulação relativa” pela primeira vez:

Depois de ter assim explicado a produção constante de uma superpopulação relativa de trabalhadores como uma necessidade da acumulação capitalista, a economia política, desempenhando o adequado papel de uma velha solteirona, põe na boca do beau ideal [belo ideal] de seu capitalista as seguintes palavras, dirigidas aos “supérfluos” postos na rua por sua própria criação de capital adicional: “Nós, fabricantes, fazemos por vós o que podemos, multiplicando o capital de que necessitais para subsistir; e a vós cabe fazer o restante, ajustando vosso número aos meios de subsistência”.

Nota-se que, até esse momento, apenas apareceu em “O Capital” “superpopulação”, conforme consta na citação imediatamente acima. É como se Marx optasse por escrever conforme a concepção mais aparente e mistificada, a da economia política, malthusiana, até acrescentar “relativa” ao termo. Não à toa, como vimos na primeira citação de “superpopulação” na obra, trata-se apenas de percepção originada da experiência empírica. A partir do momento em que se introduz “superpopulação relativa”, essa passa a ser a categoria

---

<sup>4</sup> “*Prudential habits with regard to marriage, carried to a considerable extent among the labouring class of a country mainly depending upon manufactures and commerce, might injure it [...] From the nature of a population, an increase of labourers cannot be brought into market, in consequence of a particular demand, till after the lapse of 16 or 18 years, and the conversion of revenue into capital, by saving, may take place much more rapidly; a country is always liable to an increase in the quantity of the funds for the maintenance of labour faster than the increase of population*”, Malthus, Princ. of Pol. Econ, cit., p. 215, 319-20.

habitualmente utilizada (o que é facilmente percebido no gráfico da “figura 1”). Na seção 3 do terceiro livro (Marx, 2017, p. 249-306), ao introduzir a lei tendencial de queda da taxa de lucro, um novo salto é dado na apresentação da contradição da “Crise”. Nesse contexto, Marx (2017, p. 256) explica que, ainda que houvesse “excedente momentâneo do capital excedente acima da população trabalhadora” (MARX, 2017, 256), esse processo criaria “superpopulação”, uma “superpopulação artificial, relativa”.

[...] por outro lado, no entanto, mediante a aplicação dos métodos que geram o mais-valor relativo (introdução e aperfeiçoamento de maquinaria), ele criaria com ainda maior rapidez uma superpopulação artificial, relativa, que, por sua vez – já que na produção capitalista a miséria gera população –, se converteria numa nova incubadora de um aumento verdadeiramente rápido do tamanho da população. [...]

A partir desse momento, Marx deixa de apresentar “superpopulação artificial, relativa” e utiliza apenas “superpopulação artificial” ou “superpopulação relativa”, a dependente do sentido empregado. A atenção deve estar voltada para o fato de que a “superpopulação artificial” sempre aparece como criada pela contradição capitalista de aumento da composição orgânica do capital. Isto é, ela trata da “superpopulação relativa” produzida artificialmente pelo aumento do capital constante em relação ao capital variável, a consequente manifestação na diminuição da relação entre mais-valor e capital total (taxa de lucro). Não parece fruto do acaso que seja a última expressão, dentre as quatro estudadas, a aparecer na obra. - ela dependente da exposição desenvolvida da lógica geral do capital, na qual a reprodução capitalista ocorre por meio da “Crise”

### **3.2 “Superpopulação Relativa” ou “Exército Industrial de Reserva”**

**Figura 2: Superpopulação Relativa ≠ Exército Industrial de Reserva**

## [ANEXO 2 - AO FINAL DO MANUSCRITO]

Uma análise focada na evolução das categorias “exército industrial de reserva” e “superpopulação relativa” sugere que não são conceitualmente equivalentes. Apenas um olhar para passagens isoladas poderia conduzir à interpretação de que sejam sinônimos (como ocorre frequentemente na literatura marxista). Vejamos que, considerando os momentos em que as duas categorias estão intercaladas por “ou”, há certa evolução na dissociação conceitual delas. Desconsiderando o caso que aparece como título (Marx, 2013, p. 705) do item 3 (“Produção progressiva de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva”), no capítulo 23, verificam-se quatro momentos dessa formulação. A verificação do desenvolvimento contínuo das aparições permite afirmar que as categorias ganham sentido e se constroem conceitualmente conforme a obra evolui. Essa percepção parece mais importante do que identificar um trecho com um suposto sentido conceitual mais apurado. Os quatro momentos nos quais “ou” intercala as expressões são:

1) “[...] O curso vital característico da indústria moderna, a forma de um ciclo decenal interrompido por oscilações menores de períodos de vitalidade média, produção a todo vapor, crise e estagnação, repousa sobre a formação constante, sobre a maior ou menor absorção e sobre a reconstituição do exército industrial de reserva ou superpopulação. Por sua vez, as oscilações do ciclo industrial conduzem ao recrutamento da superpopulação e, com isso, convertem-se num dos mais enérgicos agentes de sua reprodução.” (Marx, 2013, p.708)

2) “É compreensível a insensatez da sabedoria econômica, que prega aos trabalhadores que ajustem seu número às necessidades de valorização do capital. O mecanismo da produção e acumulação capitalistas ajusta constantemente esse número a essas necessidades de valorização. A primeira palavra desse ajuste é a criação de uma superpopulação relativa, ou exército industrial de reserva; a última palavra, a miséria de camadas cada vez maiores do exército ativo de trabalhadores e o peso morto do pauperismo.” (Marx, 2013, p. 720)

3) “[...] Por último, a lei que mantém a superpopulação relativa ou o exército industrial de reserva em constante equilíbrio com o volume e o vigor da acumulação prende o trabalhador ao capital mais firmemente do que as correntes de Hefesto prendiam Prometeu ao rochedo. Ela ocasiona uma acumulação de miséria correspondente à acumulação de capital.” (Marx, 2013, p.721)

4) “[...] Mas eis que chega a época dos bons negócios, recentemente cacarejada com tanta graça pelo sr. Forster, esse terno liberal e amigo dos negros. Com os bons negócios, também chega, naturalmente, a inundação provocada pelas ondas do sempre agitado “exército de reserva” ou “superpopulação relativa”.[...]”.<sup>5</sup> (Marx, 2013. p.736)

O primeiro caso visto (porque aparece escrito antes na obra) consta em um momento no qual ainda não havia sido apresentada a “superpopulação relativa” como reconstituição do termo malthusiano “superpopulação”. Sugere-se que, por isso, Marx utilizou apenas “superpopulação”, a representação aparente da “superpopulação relativa”. Na segunda passagem, já houve certa apresentação conceitual da “superpopulação relativa”, que complexifica e reconstitui a forma aparente da “superpopulação”. Nos quatro casos, reconhece-se que há margem para a leitura de equivalência entre as categorias, quando vistas isoladamente. Contudo, também é possível apreender que são categorias diferentes, mobilizadas pelos mesmos movimentos do capital. Isto é, ambas crescem em proporção direta ao desenvolvimento capitalista e a palavra “ou” não parece indicar que uma das categorias cresça em detrimento da outra. Apesar da escolha das quatro passagens ter como critério exclusivo a palavra “ou” entre as duas expressões, o processo resultou na visualização de recursos textuais que colaboram com a ideia de que os conceitos se constroem e se lapidam na evolução da obra.

Isto é, percebe-se que, para além de uma possível dissociação entre as categorias, que decorre da evolução lógica na exposição em “O Capital”, as expressões parecem caminhar em direção à constituição conceitual que as transformam em categorias de análise. A utilização de vírgula (segundo caso), artigos definidos (terceiro caso) e aspas (quarto caso), representam uma construção conceitual cada vez mais determinada. Não são esses recursos textuais que refinam as categorias conceitualmente, mas, de forma oposta, é a

---

<sup>5</sup> Desconsidera-se, aqui, o fato de constar “exército de reserva” ao invés da expressão “exército industrial de reserva”. Foram consideradas como equivalentes.

complexificação na apresentação do capital, ao longo da exposição da obra, que se expressa na mudança da construção textual. Acompanhadas pela lógica tendencial e contraditória da acumulação capitalista, a cada uma das passagens verificadas, parece haver um avanço da análise circunstancial para uma inserção delas na lei geral da acumulação capitalista. Pode-se dizer que, mesmo a partir dessas passagens - que, isoladamente, permitem uma compreensão de equivalência entre as categorias - quando são vistas em seu desenvolvimento, apontam para uma gradativa dissociação entre os dois termos. O “exército industrial de reserva” se apresenta como exército inativo de trabalhadores, que regula a acumulação capitalista - uma parcela da população. A “superpopulação relativa”, toda população mediada pelas relações de determinado modo de produção, o qual não reproduz plenamente a vida de sua totalidade.

Nos períodos de estagnação e prosperidade média, o exército industrial de reserva pressiona o exército ativo de trabalhadores; nos períodos de superprodução e paroxismo, ele barra suas pretensões. A superpopulação relativa é, assim, o pano de fundo sobre o qual se move a lei da oferta e da demanda de trabalho. Ela reduz o campo de ação dessa lei a limites absolutamente condizentes com a avidez de exploração e a mania de dominação próprias do capital. (Marx, 2013, p.714)

### **3.4 A “superpopulação relativa” e a “superpopulação artificial”**

Na obra *Grundrisse* (Marx, 2011) constam apenas os termos "superpopulação" (30 vezes) e "superpopulação relativa" (apenas duas), estando ausentes "exército industrial de reserva" e "superpopulação artificial". Apesar da pouca presença da segunda categoria, sua primeira aparição expressa bastante seu conceito. Se em “O Capital” Marx constrói o conceito no desenvolvimento da obra, no “Grundrisse” ela aparece como desfecho para a crítica de Marx à “superpopulação” malthusiana e revela aspectos importantes do que Marx

busca ao criar o termo. A “superpopulação relativa” está em relação “[...] à mediação social por meio da qual o indivíduo se relaciona aos meios de sua reprodução e os cria; em consequência, às condições de produção e à sua relação com elas. [...]” ou “[...] às condições da reprodução, da produção desses meios [de subsistência], nas quais, entretanto, estão igualmente incluídas as condições da reprodução dos seres humanos, da população total, da superpopulação relativa.[...]” (MARX, 2011, p.505-506).

No caso do modo de produção capitalista essa “mediação” se apresenta pelo processo de alienação. Via de regra, o indivíduo do capital acessa valores de uso que lhe reproduz por meio do dinheiro. Depende da representação que existe, no dinheiro, do valor contido nas mercadorias compradas - ainda que a dissociação entre a forma valor e a forma preço esteja sempre posta na mercadoria. O expropriado, proletário, depende de vender sua força de trabalho para acessar dinheiro e poder trocá-lo pelas mercadorias que contém tais valores de uso necessários à reprodução de sua vida. Dessa forma, o assalariamento intermedia o acesso do vendedor de força de trabalho ao dinheiro e o dinheiro recebido permite o consumo de meios de subsistência. Trata-se de um processo que aliena o valor de uso criado pelo proletário durante o tempo que ele vendeu sua força de trabalho ao burguês. O proletário apenas encontra o valor de uso das mercadorias no consumo delas, quando já estão postas no mercado pelo burguês. Quando fala-se da “mediação”, à qual a “superpopulação” é “relativa”, é nesse processo de alienação que ela deve ser posta.

As formas nas quais a “superpopulação relativa” se representa, a “latente”, a “flutuante” e a “estagnada” são comumente citadas na literatura que aborda essa categoria. Precisam, porém, ser vistas de maneira menos mecânica do que os exemplos postos em “O Capital” podem direcionar. Isto é, mais do que a identificação de grupos populacionais que representam cada uma das formas, propõe-se vê-las como movimentos da “relação capital”. A forma latente se situa no que sintetiza-se, aqui, por “zona fronteira entre capital e formas



de reprodução da vida pré-existentes a ele”, na qual populações são continuamente proletarizadas, tendo seus meios de produção constantemente expropriados. Ainda no intuito de síntese de um movimento do capital, forma flutuante é representada “no território que já foi dominado pelas relações capitalistas de produção”. Sendo, por fim, a forma estagnada existente no que é sintetizado aqui como “fronteira crítica do capital”, tratando-se dado movimento de expulsão dos assalariados do pleno assalariamento, apesar da mediação do dinheiro para acessar-se meios de subsistência. Todas as formas da “superpopulação relativa” existem continuamente nas relações de produção capitalista.

Na medida em que o modo de produção capitalista se desenvolve, conduz-se à “Crise” que cria artificialmente e superpopulação relativa. Para além da passagem citada no tópico “Ordenamento, quantificação e evolução das categorias na obra”, as outras três passagens tangem à mesma ideia, o que sugere a identificação de um conceito contido em “O Capital” inutilizado pela economia heterodoxa. Os cacos são: 1) “O decréscimo relativo do capital variável em relação ao constante, que ocorre paralelamente ao desenvolvimento das forças produtivas, incentiva o crescimento da população trabalhadora, enquanto cria de modo permanente uma superpopulação artificial. [...] (MARX, 2017, p.289); 2) [...] isto é, a incrementar a força produtiva de dada quantidade de trabalho, diminuir a relação entre o capital variável e o constante e, com isso, liberar trabalhadores; em suma, a criar uma superpopulação artificial. [...] (MARX, 2017, p.294) 3) [...] mediante a introdução massiva do locomóvel e de novas maquinarias, que, em parte, substituíram os cavalos, eliminando-os da economia, e, em parte, também provocaram, por meio da liberação de trabalhadores agrícolas, uma superpopulação artificial, [...] (MARX, 2017, p.689) Em todos os casos, em edição alemã (Marx, 1894), a correspondência “künstliche” (artificial) e “Ueberbevölkerung” (superpopulação) esteve de acordo com a edição brasileira.

Percebe-se que todas as passagens discutem o aumento da composição orgânica do

capital. O termo “superpopulação artificial” é próprio do modo de produção capitalista que, conforme se desenvolve, acumula riqueza e miséria simultaneamente. O início da apresentação da “superpopulação relativa”, em “O Capital”, surge da complexificação da simples e aparente “superpopulação” malthusiana. É apenas depois de apresentar esses movimentos ao longo da obra, postos no desenvolvimento lógico e tendencial da “Crise”, que a “superpopulação artificial” pode ser conceituada na obra, compreendendo-se que representa outro salto de complexificação conceitual. A busca pelo termo em publicações científicas demonstra que essa categoria é desconhecida ou negligenciada pela literatura marxista. Deve ser resgatada. Ela apresenta o futuro capitalista posto no presente. Diferentemente da “superpopulação relativa”, que dimensiona modos de produção diversos, a “superpopulação artificial” trata de uma categoria essencialmente capitalista, em forma de “Crise”.

#### **4. Discussão da “superpopulação relativa” no debate da marginalidade latino-americana**

O uso conceitual corrente de “superpopulação relativa” na literatura marxista latino-americana é frequentemente simplificado ou negligenciado - não parece adequado canalizar o fenômeno relativamente hegemônico na citação de um grupo de pesquisadores. Dentro desse universo do conhecimento, é comum o termo ser encontrado como equivalente a “exército industrial de reserva” e, em menor grau, a “superpopulação”. A combinação do apagamento conceitual da “superpopulação relativa” à possível estratégia de não repetição de termos no decorrer dos textos parece, hegemonicamente, conduzir à sobreposição da ideia de “exército industrial de reserva” à que está contida nos outros dois. Isto é, nesse universo (apoiado no marxismo) do conhecimento, o uso de “superpopulação”

não costuma conter a noção malthusiana (original), nem a marxista de “superpopulação relativa”. Em outra face desse diagnóstico, está a ausência do uso de “superpopulação artificial” na literatura marxista, apesar da verificação discutida de que o termo carrega uma dimensão conceitual. O avanço na determinação conceitual de “superpopulação relativa” em “O Capital” contribui para a requalificação das análises. Parece importante que o presente artigo dialogue com apontamentos dos autores da marginalidade latino-americana, que se dedicaram ao campo do conhecimento abordado.

Os conceitos de “massa marginal” (NUN, 1971) e “polo marginal” (QUIJANO, 1970), criados no debate latino-americano da “marginalidade”, foram justificados a partir do pressuposto de que Marx não teria finalizado a determinação conceitual de “superpopulação relativa”. É verdadeiro que pode ser lapidada e desenvolvida, entretanto, a ausência de um estudo da construção processual da categoria ao longo da obra parece ter conduzido a essa percepção incipiente dos autores. Ambos, assim como proposto aqui, compreendem que “exército industrial de reserva” e “superpopulação relativa” não têm sentido equivalente. Quijano se afasta da tentativa de identificar essa distinção. Nun se dedica a essa diferenciação compreendendo que a “superpopulação relativa” *“se sitúa a nivel de las relaciones que se establecen entre la población sobrante y el sector productivo hegemónico”* (NUN, 1971, p.21).

O “exército industrial de reserva” seria uma parcela da sobrança “superpopulação relativa”, funcional à acumulação capitalista, e a “massa marginal” seria a parte afuncional. A lógica para a análise do autor está apoiada no pensamento “althusseriano”. Foi visto, nos itens anteriores, que a “superpopulação relativa” compreende uma dimensão da totalidade populacional em um modo de produção - percepção em desacordo à de Nun. Para além de Nun não analisar a categoria no segundo e terceiro livro (especialmente importante nesse último) não se lastreia na ideia de que o desenvolvimento da acumulação capitalista é o

desenvolvimento da crise capitalista. E desconsidera a “Crise” como fator que mobiliza a reprodução capitalista - ao menos lógica e tendencialmente -, aspecto que, para Kurz (2019), está posto há décadas na forma do colapso da modernização. Conforme se desenvolve em “O Capital”, as contradições da “Crise” são expostas como método, adotado por Marx, de apresentação do capital nesta obra (Benoit, 1996; Grespan, 2019).

O modo de apresentação do capital em “O Capital” (Grespan, 2019) determina a necessidade de se analisar os conceitos a partir da dialética posta na exposição desta obra (BENOIT, 1996). Nesse sentido, o artigo adota que análises de todos os conceitos em “O Capital” devem considerar o aumento da composição orgânica do capital como fator que indissocia a “lei geral da acumulação capitalista” da “lei da queda tendencial da taxa de lucro”. É nesse movimento que está posto o desenvolvimento lógico e tendencial da “Crise”, que produz a “superpopulação artificial, relativa”. O fato do presente estudo estar apoiado nessa compreensão para analisar conceitualmente as categorias tem valor para que elas sejam discutidas no movimento próprio de apresentação do capital na obra. Isto é, do simples ao complexo, da aparência à essência: “superpopulação”; “exército industrial de reserva”; “superpopulação relativa”; “superpopulação artificial”. Tendo em vista a lógica dialética posta na construção de conceitos em “O Capital”, acredita-se que o método utilizado nesta pesquisa pode ser replicado para o estudo. Desde que na mesma obra, a replicação do método parece recomendada para o estudo de outras categorias; da mesma categoria em outras edições e traduções, favorecendo eventuais comparações; ou ambas situações.

Dentre os limites que podem ocorrer na replicação do procedimento utilizado nesta pesquisa - está a escolha dos termos a serem pesquisados, a qual pode desconsiderar alguns que são essenciais e supervalorizar secundários. É por isso que, aqui, a busca das expressões foi iniciada apenas por “superpopulação” e “exército industrial de reserva” para

que, a partir do estudo delas, fosse possível criar os quatro grupos. É necessário reconhecer que os resultados apresentados neste artigo se restringem às edições utilizadas e que ela contém, necessariamente, desvios intrínsecos a qualquer processo de tradução de uma língua original para outra. Portanto, deve-se considerar, para garantir maior rigor da discussão proposta, que esses estão restritos às edições utilizadas. A replicação do estudo nas edições alemãs e, especialmente na MEGA (Marx-Engels-Gesamtausgabe), ofereceria um salto deste estudo - diretamente voltado aos escritos de Marx prévios às publicações. Compreendendo que a identificação de “superpopulação artificial” foi um resultado que representou uma categoria ausente na literatura marxista, para evitar um resultado apoiado em imprecisão da tradução, foi verificado o termo em edição alemã<sup>6</sup>.

## 5 Considerações Finais

Foi possível verificar que as categorias “superpopulação”, “exército industrial de reserva”, “superpopulação relativa” e “superpopulação artificial” não foram postas ao acaso na obra. Isto é, o ordenamento escolhido por Marx ao introduzir cada uma das expressões, seguido do relativo abandono das anteriores, evidencia o planejamento minucioso da exposição conceitual da obra - seu método dialético de apresentação do capital. Ilustra a complexidade da construção dos conceitos em “O Capital” e corrobora com a noção de que a obra só pode ser compreendida por inteira. A depuração de nuance conceitual que o estudo permitiu de “superpopulação relativa” deve favorecer o uso dessas categorias na literatura marxista. É no mesmo movimento pelo qual o capital se apresenta na realidade concreta que ele está posto no desenvolvimento expositivo da obra. A

---

<sup>6</sup> Marx, Das Kapital Buch 3b (1894) Disponível em: <<https://oll.libertyfund.org/page/marx-k3a>>. Acesso em fevereiro de 2023.

pesquisa favoreceu não apenas um avanço na diferenciação entre categorias que são hegemonicamente igualadas e simplificadas, como também colaborou metodologicamente para que conceitos sejam verificados nesta obra.

A discussão não se resume à análise dos conceitos desta obra particular, mas se desdobra na proposição para um debate sobre a força de trabalho a partir do desenvolvimento capitalista em forma de “Crise”. É necessária a superação de perspectivas do marxismo que desconsideram a contradição que conduz à não reprodução do capital real total em escala ampliada. Trata-se de um fator latente da reprodução capitalista contemporânea. Deve-se compreender a evolução dos conceitos a partir do modo de apresentação dialético do capital ao longo da obra e esse movimento expositivo só pode ser identificado a partir da percepção de que os conceitos não estão estáticos em “O Capital”. Eles se complexificam e evoluem tanto quanto ocorre na apresentação e representação do capital - eles externam as contradições do desenvolvimento do modo de produção de crise capitalista.

## **Bibliografia**

BERNARDS, Nick; SOEDERBERG, Susanne. Relative surplus populations and the crises of contemporary capitalism: Reviving, revisiting, recasting, 2021. *Geoforum Journal*, nº 126, p. 412-419. Disponível em <[Relative surplus populations and the crises of contemporary capitalism: Reviving, revisiting, recasting - ScienceDirect](#)>. Acesso em março de 2023.

BENOIT, Hector. Sobre a crítica (dialética) de *O Capital*; *Revista Crítica Marxista*. Campinas, nº 3, 1996. P.14-44. Disponível em: <[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/sumario.php?id\\_revista=3&numero\\_revista=3](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/sumario.php?id_revista=3&numero_revista=3)> Acesso em janeiro de 2023

GRESPLAN, Jorge. Marx e a crítica do modo de representação capitalista. São Paulo: Boitempo, 2019.

HARVEY, David. Teoria da crise e a queda da taxa de lucro, 2016; tradução Cássio Boechat; Revista Geografares, Vitória, no 28, p. 15-35, janeiro/junho, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/24381>> Acesso em setembro de 2021.

KURZ, Robert. A ascensão do dinheiro aos céus: os limites estruturais da valorização do capital, o capitalismo de cassino e a crise financeira global, 1995; tradução portuguesa Coletivo Obeco; revisão para o português brasileiro Erick Kluck; Revista Geografares, Vitória, nº 28, p 55-115, janeiro/junho, 2019 Disponível em <<http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/24388>> Acesso em setembro de 2021.

Marx, Das Kapital Buch 3b (1894) Disponível em: <<https://oll.libertyfund.org/page/marx-k3a>>. Acesso em fevereiro de 2023.

MARX, Karl. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857- crítica da economia política; tradução Mario Duayer, Nélcio Scheider (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). São Paulo, Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital; tradução de Rubens Enderle; - 1a. ed. - São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política: livro II: o processo global da produção capitalista; tradução Rubens Enderle; edição Frederick Engels - 1a. ed - São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista; tradução Rubens Enderle; edição Frederick Engels - 1a. ed - São Paulo: Boitempo, 2017.

MARSDEN, Richard. The unknown masterpiece: Marx's model of capital, 1998; Cambridge Journal of Economics, nº22, p.297-324. Disponível em <[unknown masterpiece: Marx's model of capital | Cambridge Journal of Economics | Oxford Academic \(oup.com\)](#)> Acesso em março de 2023.

NUN, José. Superpoblacion Relativa Ejercito Industrial de Reserva y Massa Marginal, 1971 Revista Latinoamericana de Sociologia, Buenos Aires, No 2, julho de 1971. Disponível em <[https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/7934/S7100908\\_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/7934/S7100908_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em julho de 2022

PALLUDETTO, Alex; ROSSI, Pedro. Marx's fictitious capital: a misrepresented category revisited, 2022; Cambridge Journal of Economics, nº46, p. 545-560. Disponível em <[Marx's fictitious capital: a misrepresented category revisited | Cambridge Journal of Economics | Oxford Academic \(oup.com\)](#)> Acesso em março de 2023.

QUIJANO, Aníbal. “Polo Marginal” y “Mano de Obra Marginal”. Imperialismo y marginalidad en América Latina - 1a edição; Santiago de Chile: CEPAL, 1970.



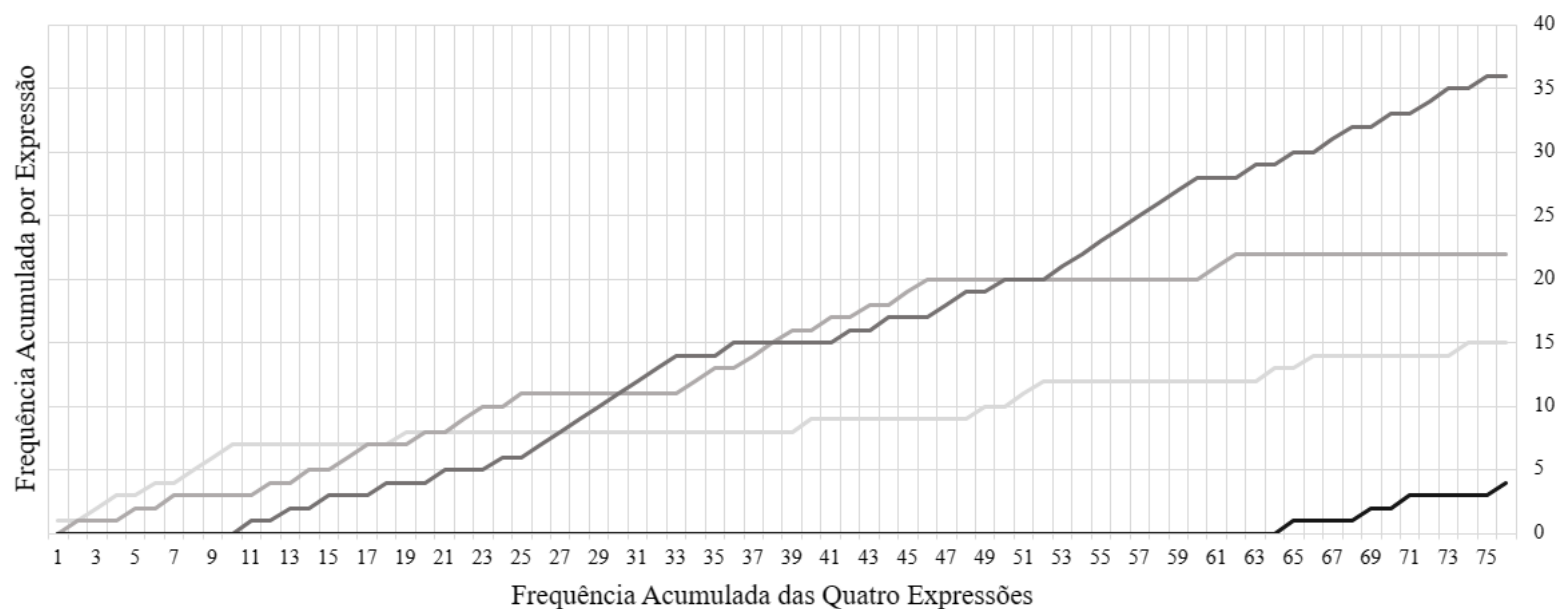
ROBERTS, Michael. Monocausalidade e teoria da crise: uma resposta a David Harvey, 2016; tradução Cássio Boechat; Revista Geografares, Vitória, no 28, p. 36- 54, janeiro/junho, 2019 Disponível em <<http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/24382>>. Acesso em julho de 2019.

## Anexo 1

**Figura 1**

Evolução do Uso das Expressões "Superpopulação", "Exército Industrial de Reserva", "Superpopulação Relativa" e "Superpopulação Artificial" na Obra "O Capital" de Karl Marx

— Superpopulação — Exército Industrial de Reserva — Superpopulação Relativa — Superpopulação Artificial



**Anexo 2**

Figura 2:

